



A CRISE DOS MÍSSEIS DE CUBA

CSH

**GABRIEL NASCIMENTO
VICTOR HUGO FARJADO**

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2

1. INTRODUÇÃO

Nunca antes havia a humanidade estado tão perto da aniquilação. Em de outubro de 1962, os horrores de uma guerra nuclear entre as duas maiores potências do mundo, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e os Estados Unidos da América, tornaram-se uma real possibilidade. Os cidadãos do mundo encontravam-se aterrorizados, e todos aguardavam ansiosamente o que se desdobraria logo em seguida. Nos tensos dias da crise, fora a diplomacia a última barreira entre a humanidade e o apocalipse.

Em um mundo dividido, as aparências tornam-se verdadeiras armas, e isso não era diferente durante a situação da Crise dos Mísseis de Cuba. A potência capitalista, os EUA, não aceitariam sequer a ideia de armamentos nucleares de sua potência rival no continente americano. O governo estadunidense via com péssimos olhos a própria existência de Cuba, uma verdadeira afronta a seu poder militar e político no continente. Foi por este motivo que o mesmo, desde o momento inicial da Revolução Cubana de 1959, tentou dismantelar o governo revolucionário de Fidel Castro, visando eliminar a ameaça comunista em “seu quintal”.

Mas, no momento em que Cuba encontrava-se ameaçada pelas agressões estadunidenses, a União Soviética fez valer sua força como a grande potência rival. A URSS procedeu à operação “Anadyr”, uma operação secreta movida pelo governo Soviético que almejava armar Cuba contra uma eventual (e garantida) invasão americana da ilha. O cerne da questão, entretanto, é que, dentre os materiais bélicos enviados à Cuba, constavam dezenas de mísseis nucleares.

Os Estados Unidos impõem um bloqueio naval em Cuba, impedindo qualquer armamento de entrar na ilha, posicionando-se de uma forma intransigente frente aos desejos

soviéticos e cubanos de armar a pequena nação socialista com as armas mais poderosas que o mundo já teve o horror de conhecer.

É neste momento que se encontra o comitê: com as esquadras soviéticas e estadunidenses de frente uma para a outra, aguardando um único comando de seus governos para disparar o primeiro tiro de uma guerra sem fim, na qual os únicos vencedores seriam a morte e a desolação. É neste cenário brutal que o Conselho de Segurança das Nações Unidas se reúne, a fim de evitar não apenas um mero conflito local, mas o próprio fim do mundo.

2. A GUERRA FRIA

A Guerra Fria foi como ficou conhecido o conflito global entre as ideologias dos Estados Unidos da América, o capitalismo, e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, o comunismo. Tal período na história ocorreu após o final da segunda guerra mundial com a crescente desconfiança e inimizade entre ambas as novas superpotências e irá durar até a queda do Muro de Berlim e o colapso dos regimes socialistas no Leste Europeu.

Marcada por diversas crises esporádicas e conflitos que levaram a humanidade à beira da maior catástrofe já conhecida, a guerra nuclear, a guerra fria permanece hoje como um evento ainda muito presente na memória de diversos indivíduos. Entender os embates ideológicos de tal evento é de suma importância para que se entenda boa parte das guerras e crises menores que ocorrem durante tal período. Logo após o final da segunda guerra mundial a Europa se via dividida entre dois grandes mundos: os territórios liberados pelos aliados, os quais iam até o oeste alemão, e os territórios nos quais as tropas do exército vermelho avançaram durante o combate à Alemanha nazista, englobando todo o leste europeu. No final da guerra, ambos os lados se encontravam em uma corrida para saber quem teria mais territórios sob sua zona de influência após o término da mesma.

Conferências como as de Yalta e de Potsdam marcaram o início de um fútil esforço por um mundo pacífico onde as nações vitoriosas poderiam viver em paz. Tais esforços, porém, foram infrutíferos. As ideologias diferentes de ambos os países eram tidas como contrárias e, portanto, eles não conseguiriam coexistir em paz, ou pelo menos era o que seus líderes afirmavam. A Doutrina Truman, uma política americana, determinava que era necessário proteger o “mundo ocidental” das ameaças do comunismo e, para tanto, era de

vital importância que os países capitalistas fossem protegidos tanto militarmente quanto financeiramente. A resposta soviética a tal doutrina americana foi a Doutrina Zhdanov. Começa a corrida pela conquista e manutenção de influências ao redor do globo.

O Plano Marshall fora a ferramenta utilizada pelos Estados Unidos para reerguer uma Europa ocidental devastada nos setores de economia e infraestrutura. Tal plano fora de suma importância pois, a partir desse, era garantido que os países retornariam efetivamente a serem mercados viáveis para as produções estadunidenses e, ao mesmo tempo, assegurava-se que os países, por possuírem tal apoio econômico e uma reestruturação nos setores de infraestrutura, não sucumbiriam ao comunismo e poderiam representar fortes aliados aos americanos. Toda a Guerra Fria é regulada por uma regra em especial: toda a ação gera uma reação de igual intensidade e sentido contrário. A criação da Doutrina Truman incitou na criação da Doutrina Zhdanov, o Plano Marshall faz com que a União Soviética crie a COMECON, a produção de armas nucleares americanas impulsiona a URSS a fabricar as suas próprias, necessidade essa que é finalmente alcançada em 1949. De todos os setores nos quais as superpotências digladiavam-se, nenhum era mais notável que o setor bélico. A corrida armamentista constante custou muito caro às nações e foi responsável por criar o arsenal nuclear que hoje é capaz de destruir o mundo mais de dez vezes sucessivas.

Não apenas nos planos e nas corridas, mas também em alianças políticas esse conflito foi regulado por essa mesma lei. O Tratado do Atlântico Norte, uma aliança militar entre os EUA e diversos outros países da Europa Ocidental, com a adesão também do Canadá, a que a resposta soviética fora a criação do Pacto de Varsóvia, que compreendia a URSS e os países do seu bloco no leste europeu. O mundo já possuía os exércitos e as alianças estavam formadas, a cada dia a guerra aparentava ser mais inevitável que o anterior. Porém, também é por culpa de tal corrida que a tecnologia global avançou muito. Até mesmo a corrida espacial, a qual levou o primeiro homem à lua, foi motivada pelas rivalidades existentes na Guerra Fria.

Diversas crises permearam o cenário político internacional durante esse período na história. A guerra entre as Coreias, a guerra civil grega, a guerra do Vietnã, as repressões feitas pela URSS no leste europeu para garantir domínio, as ditaduras militares impostas na América Latina pelos EUA para garantir políticas econômicas e influências políticas, a Guerra das Malvinas, a criação e manutenção de Israel, e diversos outros conflitos menores que estavam todos dentro do panorama geral da Guerra Fria, no qual se encaixa, também, a Crise dos Mísseis. Apesar de toda a instabilidade que se pode notar durante todo o período, um fato

interessante a ser apontado é o de que as superpotências nunca entraram em guerra uma com a outra. Tal fenômeno pode ser justificado pela garantia de que, caso um país fosse ser destruído, o fato de que este possuía armas nucleares em diversos pontos do globo garantia que o seu rival cairia com ele. A balança do terror e a aniquilação iminente em caso de guerra são os principais fatores responsáveis pela falta de confronto direto.

Na segunda metade do século XX, diversas políticas soviéticas passam a defender a ideia de tentar coexistir com os EUA de uma maneira mais pacífica, visando diminuir a corrida armamentista que estava esgotando os recursos financeiros da URSS. Muitos foram os projetos criados nesse período com esse objetivo. Porém, foi já se aproximando do final do século que o líder da União Soviética, Mikhail Gorbachev, determina que ocorra uma grande democratização em sua nação, além de tentar, novamente, a aproximação com o ocidente. Essa abertura mais democrática, na verdade, possibilitou que diversos dos problemas inerentes da URSS fossem explicitados ao público, e o povo, ao descobrir isso, se revolta em diversas das repúblicas da superpotência, levando à queda de regimes comunistas em vários pontos do Leste Europeu.

A União Soviética finalmente tomba em 1991, dois anos após a queda do Muro de Berlim, havendo implodido e tendo seu grande território fragmentado em diversas repúblicas que, embora houvesse pactos entre elas, não mantinham laços tão fortes quanto anteriormente. Com esse fato, os EUA se tornam a maior potência mundial e assume uma posição de indiscutível importância internacional, embora em tempos recentes o mesmo venha perdendo parte de sua relevância pela ascensão de outras nações. A Guerra Fria deixou um legado à humanidade: o quanto o aprimoramento tecnológico ajudou no progresso de nossa sociedade? Após tantos anos, ainda cada passo dado para frente é um passo a mais em direção a um possível, e horrível, final.

3. A REVOLUÇÃO CUBANA

Inicialmente uma colônia espanhola, possuindo maior produção de açúcar na América Latina e a maior concentração de escravos e um dos últimos países a acabar com a escravidão, Cuba conseguiu sua independência no ano de 1898 com a ajuda da potência norte-americana na chamada Guerra Hispano Americana. Foi então instalado um governo

militar norte-americano de transição até 1902, quando foi entregue o poder a um governo civil cubano e ocorreu a criação da República Cubana. Porém, a interferência estadunidense continuou forte em Cuba com o passar dos anos, principalmente graças a Emenda Platt, uma emenda na constituição cubana que permitia aos EUA uma livre interferência sempre que fosse constatado que seus interesses na ilha estivessem ameaçados. Além disso, um ano mais tarde, seria estabelecido também o Tratado Cubano-Norte Americano, que conferia aos Estados Unidos a posse definitiva da Baía de Guantánamo, em troca do pagamento de cerca de US\$4.000 mensualmente. Esse valor permanece o mesmo desde 1903, sem ter sofrido correção inflacionária e nem ter sido utilizado, como forma de protesto por parte de Cuba.

Na final da década de 20, Cuba estava passando por uma situação extremamente delicada. O então governante Gerardo Machado tinha extrema dificuldade em exercer o poder na ilha devido à crise econômica nos países desenvolvidos, o que dificultava a venda do açúcar cubano para outros países.

Sem dinheiro e sem o apoio da população, Machado foi deposto em 1933 em um golpe militar liderado pelo sargento Fulgencio Batista. A partir de então, houve uma constante troca de governantes por parte dos militares, mostrando que o governo democrático cubano era apenas uma fachada, sendo o poder verdadeiramente exercido pelos militares de Batista. Essa situação permanece até 1939, com a criação de uma nova constituição para Cuba e, um ano mais tarde, com a eleição de Batista de forma democrática através de votação direta pelo povo cubano. Batista mantém-se no poder até o fim de seu mandato, perdendo sua tentativa de reeleição no fim de 44. Enriquecido, Batista vai para a Flórida, EUA, e lá permanece até um retorno súbito, em 1952, para então aplicar um segundo golpe de estado e assumir como o ditador de um governo totalitário cubano, com o apoio norte-americano, até o fim de seu governo em 59 com a Revolução Cubana.

Advogado, Fidel Castro foi um dos líderes do movimento revolucionário cubano, que tinha como principal objetivo a libertação de Cuba da interferência dos EUA e o fim do governo totalitário de Batista. Crente no modelo democrático representativo, ele participou da campanha eleitoral de Roberto Agramonte, substituindo Eduardo Chibás, que cometera suicídio um ano antes, para as eleições de 52. Com o golpe de Batista, Fidel perde a esperança de que a revolução poderia vir através do processo democrático, o que forçou a busca por outros métodos, entre eles a luta armada. Assim, em 1953, já convicto de que apenas com um exército revolucionário poderia chegar ao poder, Fidel, junto com cerca de 130 homens, dá

início a um plano de tomar de assalto o quartel de Moncada, localizado ao norte da ilha de Cuba. O ataque é um completo fiasco, com a maioria dos invasores mortos pelas metralhadoras dos soldados de Batista. Posteriormente, a situação acabou forçando Fidel e seu irmão Raúl a se entregarem. No julgamento Fidel pronunciou uma de suas mais célebres frases: "A história me absolverá". Entretanto, a justiça Cubana não o fez, e eles foram condenados a 15 de anos de prisão. Porém a opinião pública e a pressão popular acabaram obrigando Fulgêncio a anistiar os irmãos Castro e outros participantes menos de um ano depois. Fidel e seu grupo foram então se refugiar no México onde conheceram Alberto Bayo, general cubano que havia lutado na guerra civil espanhola, que os ajudou com treinamento militar.

Em dezembro de 1956, Fidel, Raúl e um jovem médico de nome Ernesto Guevara, juntos de mais 80 homens, rumaram de barco ao sul de cuba a bordo, mais especificamente nas montanhas de Sierra Maestra, para estabelecer uma base. Foram recebidos a tiros em sua chegada, sendo o grupo reduzido a cerca de 20 homens. Eles começaram então a recrutar a própria população, com promessas de melhorias na qualidade de vida e acesso a saúde e educação. A população e as oposições presentes em Cuba se aliaram a causa de Fidel e aumentaram seu efetivo. Para completar, posteriormente foi instalada nas montanhas uma rádio que transmitia para quase todo o país os inflamados discursos de Fidel, e os avanços do grupo, que caminhava rumo à revolução. Batista, nada satisfeito com a situação, enviou um grande efetivo do exército para dar cabo dos rebeldes, porém, a aptidão do grupo nas táticas de guerrilha e sua adaptação à Sierra Maestra, levaram a uma vitória sobre o exército. Nesse período houve inúmeras deserções no exército, alguns desses homens inclusive se aliando a grupo dos rebeldes. Com essa vitória, a alta cúpula decidiu que era hora de rumar a Havana para tomar o poder. Divididos em colunas, uma para Fidel, uma para Raúl e outra para Guevara, seguiram praticamente sem resistência até Havana, até a chegada à cidade de Santa Clara, onde a coluna de Guevara enfrentou um contingente dez vezes maior de soldados, e mesmo assim conseguiu uma vitória importantíssima graças a uma tática de ocupação que consistia em trazer a própria população para Che e Fidel durante a Revolução juntar-se a causa. Che havia deixado de ser um simples médico para se tornar um estrategista militar. Após essa vitória, foi um caminho direto até Havana onde, no fim de 1958, foi proclamada a revolução. Houve um grande expurgo de militares, principalmente os mais ligados a Batista, e uma evasão em massa dos empresários americanos que tinha negócios na ilha. É importante

mentonar que a Revolução Cubana ocorreu, de certa forma, sem qualquer interferência internacional. A inteligência norte americana, vendo a recusa de Moscou em auxiliar Fidel e seus homens na revolução, não interpretou essa revolta como sendo um evento de grande mudança no país e por isso negou qualquer auxílio à Batista.

3.1 RELAÇÕES DE CUBA COM OS EUA E COM A URSS

O governo de Washington, D.C. cortou relações diplomáticas com a ilha, além de implementar embargos pesados, e tentativas constantes de derrubar o governo de Fidel, principalmente após a reforma agrária e nacionalização de várias empresas americanas residentes no país. A invasão da Baía dos Porcos foi a tentativa mais explícita de tentar derrubar o governo castrista, porém não fora a única planejada. Com a separação abrupta entre os EUA e Cuba, foi aberto espaço para que a URSS pudesse implementar sua influência política e econômica, apesar de inicialmente não ter dado apoio a revolução e a tomada ao poder dos comunistas, sendo a falta de apoio soviético ao golpe uma das razões para o governo americano não ter tomado medidas mais enérgicas para defender o regime de Batista, que foi derrubado em um espaço de tempo pequeno e praticamente sem interferência internacional.

Apesar de não ter apoiado inicialmente o golpe de Castro, a URSS foi progressivamente aumentando sua área de influência e sua participação em relação ao regime, comprando o açúcar cubano a bons preços e vendendo petróleo a preços preferenciais. Com esses laços estreitando-se progressivamente, posteriormente até com a venda de armas e com a implantação de mísseis na ilha. Com a problemática em Berlim e com a falta de resposta de Kennedy, o Primeiro ministro soviético, e também líder do partido comunista, Nikita Khrushchev considerava o presidente americano “fraco”, bem como considerava que este não fosse responder energicamente aos mísseis em Cuba, apenas protestar, mas acabou acatando, como aconteceu em Berlim. O governo soviético está alinhado com o regime cubano e esse apoio tornou-se possível graças à agressiva política americana.

4. REPRESENTAÇÕES

4.1 ESTADO PLURINACIONAL DA BOLÍVIA

O país realizou diversas mudanças em seu território nacional na década passada, tais como: voto universal, reforma educacional, reforma agrária e a prospecção de poços de petróleo por empresas estrangeiras. A Bolívia busca uma solução que não traga consequências negativas ao mundo como um todo, em especial ao continente Americano, até então livre da ameaça nuclear. Um dos maiores temores do país é o desencadear de um conflito entre as potências nucleares trazendo complicações globais.

4.2 ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Os Estados Unidos da América são uma das duas grandes superpotências da Guerra Fria, sendo, além disso, detentores de uma importância incomensurável no contexto da crise dos mísseis, tendo sido o seu bloqueio (chamado de quarentena pelas autoridades estadunidenses, já que bloqueio era um termo que denotava um estado de guerra, estado este negado pelo governo dos EUA) o principal fator que veio a originar a crise. Por causa da lógica da Guerra Fria de expansão de zonas de influência, este Estado enxergava Cuba como uma afronta direta à sua preponderância política sobre as Américas, tendo em vista o cunho nitidamente socialista da Revolução Cubana de 1959. Desde tal revolução, o governo estadunidense vem tentando depor, através de investidas tanto diplomáticas como militares, o governo revolucionário de Fidel Castro, embora não tenha, ainda, obtido sucesso. Quando os EUA tomam conhecimento da pretensão soviética de instalar armamento nuclear na ilha cubana, o que possibilitaria à URSS o ataque nuclear direto ao território continental estadunidense, os EUA instauram uma “quarentena” na ilha de Cuba, impedindo a entrada de materiais bélicos na ilha, bem como iniciando a crise dos mísseis.

A posição dos EUA é muito clara: impossibilitar, a qualquer custo, a existência de ogivas nucleares em território cubano que ameacem os norte-americanos. Para isso, a delegação deste país deve ter suas capacidades diplomáticas prontas para remover toda e qualquer ameaça nuclear em Cuba, bem como para evitar, ao máximo que for possível, uma guerra nuclear, a qual, com absoluta certeza, traria consequências desastrosas, e talvez finais, para toda a humanidade.

4.3 ESTADOS UNIDOS DO MÉXICO

O México, bem como todos os outros países latino-americanos, foi pego no meio da confusão da crise dos mísseis. Apesar disso, o país da América Central ficou famoso por ter sido o único que, mesmo no final de 1964, ainda mantinha relações diplomáticas com Cuba. Isso se deve ao fato de que o México possui uma linha de política externa muito favorável a soluções diplomáticas de eventuais conflitos, sempre buscando evitar agravações que possam escalonar para embates armados. Dessa forma, a política externa mexicana no tempo da crise focou em manter seu posicionamento neutro e não-intervencionista, além de tomar cuidado para que não sofresse de alegações nas quais o país fosse acusado de advogar a favor da causa cubana.

Ao mesmo tempo que o México deve tentar manter as relações com Cuba sob as melhores condições possíveis, a delegação mexicana deve tomar muito cuidado ao lidar com eventuais propostas de limitações sobre as intervenções estadunidenses na ilha, tendo em vista a grande importância econômica que os EUA representam para o México.

4.4 REINO UNIDO DA GRÃ-BRETANHA E DA IRLANDA DO NORTE

O Reino Unido tem sido um fiel aliado americano contra a ameaça comunista desde o início da Guerra Fria. Antes mesmo do fim da Segunda Guerra Mundial, a Grã-Bretanha já demonstrava seus temores em relação a um possível avanço por parte

da Rússia comunista sobre as terras da Europa, bem como também era aparente o receio da Coroa inglesa, bem como do resto do mundo capitalista, de um levante comunista em escala global. Por esses e outros motivos, o Reino Unido situa-se como um firme aliado estadunidense durante a crise dos mísseis, ao mesmo tempo que tentava vislumbrar uma solução pacífica para o conflito. Era um temor comum na Europa, e este temor também estava presente nos britânicos, que os Estados Unidos não seriam capazes de proteger os europeus de um devastador ataque soviético antes que os danos se tornassem irreparáveis, criando a necessidade de solucionar a crise o quanto antes, e da forma mais pacífica possível.

Em um outro ponto, o Reino Unido tinha receio de que um agravamento na situação cubana pudesse provocar um descontentamento por parte dos russos, o que os levaria a tomar medidas mais drásticas no que concerne à crise de Berlim, uma crise paralela à Crise dos Mísseis que ocorria na cidade alemã, e que poderia trazer consequências terríveis para o continente europeu. Por esses motivos, a delegação britânica deverá tomar muito cuidado na mediação entre as duas superpotências, visando manter boas relações com e apoiar a causa dos Estados Unidos, sem que, nessas tentativas, enfureça os russos ao ponto de provocar algum tipo de retaliação por parte da superpotência comunista.

4.5 REPÚBLICA ARGENTINA

O país está em busca de uma melhor relação com os Estados Unidos devido ao aumento de relações financeiras e de fontes de bens de capital, principalmente pelo fato de ter afastado suas relações com o Reino Unido, buscando assim um novo e forte aliado comercial.

4.6 REPÚBLICA DA COLÔMBIA

O país vem se posicionando contrário ao comunismo. Em 1959, o mesmo recebeu pesquisadores americanos, enviados pelo presidente Eisenhower, em seu território para 20 que analisassem a situação do socialismo em território colombiano e

no mesmo ano os Estados Unidos decidem enviar suporte a Colômbia para o combate ao comunismo. Nesta última década diversos grupos provenientes da esquerda têm conquistado força no país, como o Marquetalia, o que tem causado grande preocupação no combate ao avanço comunista por parte do governo colombiano. Neste ano o exército nacional colombiano tentou uma afronta contra o Marquetalia, porém não foi bem-sucedido em sua tentativa.

4.7 REPÚBLICA DE CUBA

Sendo, sem a menor sombra de dúvidas, o país mais afetado pela crise, a ilha de Cuba havia apenas recentemente passado pela revolução que fora o principal fator a motivar a intervenção estadunidense, a qual, por sua vez, foi a razão de existência da crise. Cuba, já desde 1959, ano da revolução, vinha enfrentando graves intromissões dos EUA, tanto em seu território nacional quanto no plano internacional, tendo sido alvo de repetidas investidas diplomáticas estadunidenses que buscavam minar o apoio global à pequena nação caribenha. Em 1961, na baía dos porcos, Cuba foi invadida por uma força paramilitar enviada pelos EUA, a qual tinha como objetivo principal derrubar o governo revolucionário de Fidel Castro. Tal invasão não rendeu frutos, apenas aumentando a animosidade entre as duas nações.

Cuba entende que sua própria existência é uma afronta frente aos interesses estadunidenses, os quais são chamados de imperialistas pelo governo cubano. Para conseguir enfrentar os norte-americanos, Cuba procurou o apoio da União Soviética, a qual decidiu armar a ilha com ogivas nucleares, dentre outros armamentos e equipamentos bélicos. Apesar dessa enorme dependência material, Cuba não é um mero Estado-Satélite da superpotência soviética, e lembrar o mundo disso deve ser um objetivo primordial da delegação cubana. Cuba é um país independente, com aspirações próprias. Para esta nação, a remoção dos armamentos e equipamentos bélicos, incluindo as ogivas nucleares, é algo inaceitável, tendo em vista serem estes as principais formas através das quais Cuba pretende manter sua soberania nacional frente à crescente ameaça dos Estados Unidos.

4.8 REPÚBLICA DO CHILE

Em 1947, o país rompeu relações com a URSS. Nos últimos anos, seu alinhamento com os EUA vem crescendo cada vez mais, principalmente pelo fato da República chilena ser o principal país a receber investimentos norte-americanos e o principal aliado comercial dos mesmos, pelo menos na América Latina.

4.9 REPÚBLICA DO GANA

A nação de Gana é a única proveniente da África dentre os países participantes da reunião de emergência do Conselho de Segurança. Sendo um país recentemente independente, tendo obtido sua separação da Coroa Inglesa apenas em 1957, Gana está estabelecida como um Estado comprometido com o fim do colonialismo e motivada por um sentimento de Pan-Africanismo, um conceito estudado pelo então presidente do país, Kwame Nkrumah. Junto com os demais países que não estavam efetivamente alinhados com o Primeiro ou com o Segundo Mundo, a delegação de Gana deverá tentar solucionar a crise através do diálogo entre as partes e da diplomacia, evitando, a todos os custos, o desencadeamento de um conflito armado entre as superpotências.

4.10 REPÚBLICA DA IRLANDA

O país não possuía grandes aspirações ao Conselho de Segurança quando, em 1955, ingressa nas Nações Unidas em um período de reforma do órgão internacional. Contudo, uma proposta inusitada feita pela Itália que consistia em apoio mútuo levantou interesses na missão irlandesa. Porém, em 1958, o máximo atingido pela delegação foi um assento no ECOSOC. A Irlanda apoiou uma resolução da Assembleia sobre o alargamento em dezembro de 1960, bem como uma emenda sobre "representação mais ampla sobre as existentes." A Irlanda não apoiou mais a alteração apresentada pelo bloco Afro-Asiático, apelando à redistribuição imediata dos assentos. Quando toda a resolução sobre o alargamento do Conselho foi posta à votação, a

Irlanda absteve-se. A resolução foi derrotada por uma maioria estreita. Este movimento incitou o bloco afro-asiático. Eles estavam agora determinados "a minar os arranjos tradicionais tentando invadir lugares ocupados por outros grupos." Essa determinação alimentou a crescente tensões entre os antigos estados imperiais e os estados recentemente independentes que haviam aderido recentemente as Nações Unidas. Forneceu o contexto imediato para as eleições de 1960 para a Segurança Conselho e criou o cenário em que a Irlanda foi relutantemente forçada a procurar o status de membro do Conselho. Em 1960 o presidente era um irlandês chamado Boland e as tensões crescentes entre EUA e URSS somadas à assistência de Khrushchev e Eisenhower dada à Assembléia, que contou com a presença de catorze outros chefes de estado, uma atmosfera cheia de energia nervosa. As próprias palavras de Boland eram "um ar geral de drama e empolgação na Assembléia". Boland era agora a figura principal na hierarquia da Assembléia e, nesse contexto, era superior até ao secretário-geral Hammarskjöld. A maestria desse diplomata auxiliou que a imagem da Irlanda mudasse e permitindo a eleição da Irlanda em 1961 devido seus dotes diplomáticos em resolução de problemas. A delegação irlandesa deve tentar, a todo o custo, fazer jus à capacidade ímpar e à eloquência de Boland, impondo-se como uma voz a ser reconhecida.

4.11 REPÚBLICA ÁRABE UNIDA

A República Árabe Unida foi um país existente durante pouco tempo, sendo uma união entre as nações do Egito e da Síria, na prática, tal união acabou em 1961, quando a Síria passou por um golpe de Estado. Oficialmente, o Egito continuou sendo denominado de República Árabe Unida até o ano de 1971. Dessa forma, em 1962, apenas o Egito constava como membro de tal “união”. Tendo apenas recentemente se libertado da ocupação britânica, através da revolução egípcia de 1952, o recém-independente Estado é um feroz combatente das políticas colonialistas e imperialistas levadas à frente pelas potências europeias. A República Árabe Unida encontra-se presente na esfera de influência soviética, embora não de forma absoluta, tendo combatido a França, o Reino Unido e Israel durante a Crise do canal de Suez, meros 8 anos antes.

O objetivo principal da delegação da República Árabe Unida é solucionar a crise dos mísseis de uma forma pacífica, visando garantir a soberania nacional cubana. Nesse ponto em específico, o combate ao imperialismo e ao colonialismo possuem importância singular.

4.12 REPÚBLICA BOLIVARIANA DA VENEZUELA

O país, que até então possuía sua economia baseada na agricultura, vem recebendo grandes financiamentos norte-americanos, principalmente no setor petrolífero, o qual tem crescido no país. A Venezuela em sua história política foi governada por uma sucessão de ditadores, e é neste cenário que o país vem reafirmando sua posição contra o avanço socialista na América.

4.13 REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

“Anos dourados”, eram assim considerados os anos sob a presidência de JK, Juscelino Kubitschek. A política brasileira vivia um próspero momento “democrático”, apesar de ter sido presidente eleito um golpe preventivo foi dado no ano da sua eleição contando com o apoio do general Lott. Após o fim da Segunda Guerra a participação brasileira, além de notória, era usado como demonstração de poder na América Latina e por isso o Brasil barganhava um assento permanente no Conselho de Segurança. Após sofrer um veto da URSS a participação brasileira fica restrita ao assento rotativo, mas apesar da derrota a delegação brasileira conseguiu mais espaço para os latinos americanos na distribuição de cadeiras no Conselho de Segurança. De tradição trabalhista o governo de JK se aproveitou da busca por consolidação da hegemonia no continente e angariou investimentos para os planos de desenvolvimento nacionalistas, inclusive através da OPA, a Operação Pan-Americana. O país mantinha-se como uma nação soberana de fato, tanto em questões nacionais quanto internacionais, e lutava, no cenário internacional, para adquirir uma postura de liderança dentro da América Latina.

Porém já não era o governo de JK, mas sim o de João Goulart, a reger o país na época da crise. Por esse motivo, aproximações com o Segundo Mundo tornaram-se muito mais facilitadas, bem como o país tentava, cada vez mais, buscar uma neutralidade e uma não-subserviência frente aos EUA, embora a dependência econômica daquele em relação a este houvesse, em grande parte, continuado a existir.

Na questão dos mísseis de Cuba, a nação brasileira preferiu manter uma “neutralidade”, pois ao mesmo tempo que se mantém neutra, é contra qualquer tipo de intervenção em Estados soberanos, é importante ressaltar que o Brasil enxergou a Revolução Cubana como uma revolução nacionalista feita pelo e em prol do povo pela soberania frente à um controle estrangeiro.

4.14. REPÚBLICA FRANCESA

Bem como outros países europeus dos dois lados da Cortina de Ferro, a França teve uma participação apenas marginal no desenrolar da Crise dos Mísseis de Cuba, o que não significa que essa nação não tenha tirado enormes lições desse evento. Embora tenha sido apenas um jogador secundário, quando levada em consideração a importância primordial dos EUA e da URSS, a França em muito auxiliou o governo estadunidense, providenciando informações bastante relevantes através das capacidades advindas da inteligência e diplomacia francesas presentes em Cuba.

Apesar de os Estados Unidos não terem incluído a França diretamente nos debates entre aquele país e a União Soviética, Washington manteve consultas com Paris. De Gaulle, o então presidente francês, fora informado, no início da crise, da presença de armamentos nucleares em Cuba. Frente à seriedade da situação, de Gaulle assegurou total e incondicional apoio à causa estadunidense, embora ele tenha, ao mesmo tempo, percebido que, nesta época, era necessário que a França fosse capaz de se reerguer como uma nação independente em relação aos Estados Unidos, bem como de desenvolver um poder de dissuasão nacional próprio, o qual seria capaz de conter as ameaças soviéticas, caso elas eventualmente aparecessem.

4.15 REPÚBLICA POPULAR DA CHINA

A China revolucionária de Mao Tse-Tung encontrava-se, em 1962, no meio de um rompimento político-ideológico com as políticas comunistas trazidas à frente pelo governo soviético pós-stalinista. Esse rompimento era motivado, em grande parte, pelo entendimento de Mao sobre a impossibilidade de haver um “entendimento pacífico” entre as nações libertas do imperialismo e seus carrascos, as potências capitalistas. Para além disso, a China acreditava que a revolução cubana de 1959 era fruto de suas motivações revolucionárias a reverberar pelo mundo ocidental. Em uma famosa frase, o líder revolucionário chinês disse, durante a Reunião Comunista de 1957 em Moscou: “os ventos do Oriente estão se sobressaindo sobre os ventos do Ocidente”, ele visava apontar para sua previsão de que o comunismo logo se espalharia para o restante do mundo, recaindo sobre as grandes potências comunistas a responsabilidade de espalhar a revolução.

Por esses motivos, a China comunista tinha grande interesse na manutenção de Cuba como um Estado independente, socialista e desafiador frente aos EUA, o qual era chamado de “Tigre de Papel” pelo líder revolucionário chinês. A China de Mao providenciaria qualquer apoio que Cuba solicitasse, a partir do momento em que Cuba concordasse com as ideologias políticas pouco pacíficas chinesas frente aos Estados imperialistas. A delegação chinesa, nesse ponto, tem uma missão bastante singular: assegurar a independência e soberania de Cuba frente aos Estados Unidos, e, ao mesmo tempo, trazer Cuba para a influência ideológica das interpretações chinesas do marxismo-leninismo, as quais possuíam métodos de enfrentamento direto contra os imperialistas e a previsão de uma “revolução global”, preceitos estes que divergem dos métodos do governo soviético, causando uma cisão entre a China e a URSS.

4.16 REPÚBLICA POPULAR DA ROMÊNIA

Embora a Romênia esteja sob a esfera de influência comunista durante a Guerra Fria, o posicionamento do governo não foi de total subserviência à causa soviética. Pegos de surpresa pela operação “Anadyr” (a operação secreta na qual a

URSS estava armando Cuba com os equipamentos bélico-nucleares), a Romênia viu com maus olhos não ter sido devidamente informada dos planos soviéticos, apenas obtendo conhecimento da situação através do pronunciamento público do presidente dos EUA, John F. Kennedy, em 22 de outubro de 1962.

Para além dessas questões, a Romênia estava sob o plano soviético de armar os Estados membros do Pacto de Varsóvia com ogivas nucleares, estando a Romênia situada como o país que receberia tais armamentos no início do ano de 1963. A crise dos mísseis pode prejudicar em muito esse plano, tendo em vista que um dos principais pontos em discussão é a presença de armamentos nucleares fora do território nacional das grandes potências nucleares. Dessa forma, a delegação da Romênia deve tentar solucionar a crise providenciando apoio, embora não de maneira desmedida, à causa soviética, a fim de assegurar, da maneira devida, a entrega dos equipamentos bélicos ao seu território, bem como de resguardar os interesses do mundo socialista na esfera global.

4.17 REPÚBLICA POPULAR DA POLÔNIA

Em 1956, os estalinistas poloneses caíram em desgraça, pois, devido à recuperação econômica, a população clamava por suspensão do Estado policial instalado desde a Segunda Guerra. Stalin não mais figurava no poder da URSS, sua morte veio como um incentivo para aqueles que prezavam por um comunismo mais reformista. Nikita Khruchchev tornou-se líder do Partido Central e um novo ar tomou o bloco comunista, o qual veio acompanhado de denúncias dos crimes de Stalin. A repercussão na Polônia levou à queda dos estalinistas e ao retorno de Gamoulka, um dos fundadores do Partido Comunista Polonês e líder da resistência contra os nazistas sendo preso em 1948 acusado de desvio nacionalista pelo Comitê Central. A guerra de reconstrução polonesa foi, para alguns poloneses, tão difícil quanto a guerra contra os nazistas e, por isso, a esperança dos trabalhadores e intelectuais era no intuito de usufruírem da recuperação econômica e maiores liberdades de expressão. Contudo, dois anos depois da queda dos estalinistas ocorre um retorno da pressão do Comitê Central e a Polônia é rachada de modo que o partido comunista polonês determina as diretrizes, mas os ministros negam-se a cumprir as resoluções. A divisão polonesa vai

motivar levantes constantes dos trabalhadores e do restante da população em greves gerando uma inconstância interna e externa, pois a política externa vai se alterando em apoios e desencontros dos posicionamentos soviéticos. Na época a Polônia sofria com greves ainda como repercussão de 1956 e um governo alinhado com Moscou na parte externa, mas que internamente não tinha força de ação.

4.18 UNIÃO DAS REPÚBLICAS SOCIALISTAS SOVIÉTICAS

A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas é a grande superpotência do mundo comunista, tendo sido fruto, inicialmente, das revoluções socialistas na Rússia já ao fim da Primeira Guerra Mundial, em 1917. Ao longo das décadas, tanto a política soviética quanto seus métodos de relação com as demais nações do mundo passaram por diversas variações. Uma dessas variações foi a postura soviética frente às potências capitalistas na era pós-stalinismo, quando o governo comunista da URSS adotou uma postura de coexistência relativamente pacífica entre os Estados do Primeiro e do Segundo Mundo. Essa nova metodologia política pôs a URSS em um confronto ideológico com a segunda maior potência comunista da época, a China.

Porém essa possibilidade de coexistência pacífica foi posta em cheque quando, em 1962, os EUA descobriram os planos soviéticos. Logo após esta descoberta, os EUA realizaram um bloqueio naval à ilha cubana, impossibilitando a entrega de qualquer armamento para a mesma. Isso enfureceu os soviéticos, cujo líder, Nikita Khrushchev, acreditava que os Estados Unidos não reagiriam tão energicamente frente à instalação de armamentos nucleares em Cuba. Essa crença era fortalecida ainda mais quando se leva em consideração a existência de mísseis nucleares estadunidenses na Turquia e na Itália, os quais podem ser utilizados para atacar a União Soviética.

Tendo isso em vista, a delegação soviética possui importância singular dentro da discussão, tendo como objetivos primários garantir a segurança cubana, bem como impossibilitar qualquer intervenção americana que vise minar a soberania nacional de Cuba. Ao mesmo tempo, a URSS almeja garantir a presença de um Estado alinhado com seus interesses dentro do continente americano. Além disso, havia um terceiro motivo: o fato de haverem mísseis nucleares em Cuba, os quais poderiam ser lançados

sobre as capitais estadunidenses caso necessário, aumentaria grandemente o potencial de barganha soviético nas discussões internacionais subsequentes, bem como serviria de força de dissuasão para evitar ataques nucleares americanos contra os territórios soviéticos. Um último objetivo soviético seria o de remover os mísseis americanos da Turquia e da Itália, caso instalar seus próprios mísseis em Cuba se demonstrasse impossível.

REFERÊNCIAS

1. **CUBAN REVOLUTION.** WIKIPEDIA. *Disponível em:* [<https://en.wikipedia.org/wiki/Cuban_Revolution>](https://en.wikipedia.org/wiki/Cuban_Revolution) *Acesso em 17/06/2019*
2. **GHANA.** WIKIPEDIA. *Disponível em:* [<https://en.wikipedia.org/wiki/Ghana>](https://en.wikipedia.org/wiki/Ghana) *Acesso em 17/06/2019*
3. **JFK AND HAROLD MACMILLAN ON THE CUBAN MISSILE CRISIS.** MILLER CENTER. *Disponível em:* [<https://millercenter.org/the-presidency/educational-resources/jfk-and-harold-macmillan-on-the-cuban-missile-crisis>](https://millercenter.org/the-presidency/educational-resources/jfk-and-harold-macmillan-on-the-cuban-missile-crisis) *Acesso em 17/06/2019*
4. **BRITAIN, THE UN AND THE CUBAN MISSILE CRISIS.** UNIVERSITY OF FORWARD THINKING WESTMINSTER. *Disponível em:* [<https://westminsterresearch.westminster.ac.uk/download/4e1eb059596da6e6d97f6bb8c68850f54ac0e638328ee74fb7d29079f58a19e7/285151/Britain%20C%20the%20UN%20and%20the%20Cuban%20Missile%20Crisis.pdf>](https://westminsterresearch.westminster.ac.uk/download/4e1eb059596da6e6d97f6bb8c68850f54ac0e638328ee74fb7d29079f58a19e7/285151/Britain%20C%20the%20UN%20and%20the%20Cuban%20Missile%20Crisis.pdf) *Acesso em 17/06/2019*
5. **MICHAEL KENNEDY.** DIPLOMATIE. *Disponível em:* [<https://www.diplomatie.gouv.fr/IMG/pdf/ONU_michael_kennedy.pdf>](https://www.diplomatie.gouv.fr/IMG/pdf/ONU_michael_kennedy.pdf) *Acesso em 17/06/2019*
6. **CUBA AND THE MISSILE CRISIS.** JSTOR. *Disponível em:* [<https://www.jstor.org/stable/157169?read-now=1&seq=1#page_scan_tab_contents>](https://www.jstor.org/stable/157169?read-now=1&seq=1#page_scan_tab_contents) *Acesso em 17/06/2019*
7. **CUBAN MISSILE CRISIS.** CWHIP BULLETIN. *Disponível em:* [<https://www.researchgate.net/profile/Julio_Francisco/publication/259657668_CWHIP_Bulletin_17-18_Cuban_Missile_Crisis_v2_COMPLETE/links/00b4952d35d4e399>](https://www.researchgate.net/profile/Julio_Francisco/publication/259657668_CWHIP_Bulletin_17-18_Cuban_Missile_Crisis_v2_COMPLETE/links/00b4952d35d4e399)

93000000/CWHIP-Bulletin-17-18-Cuban-Missile-Crisis-v2-COMplete.pdf> Acesso em 17/06/2019

8. **QUESTIONS RELATING TO THE AMERICAS.** UN YEARBOOK. Disponível em:

<<https://www.unmultimedia.org/searchers/yearbook/page.jsp?volume=1962&page=112&searchType=advanced>> Acesso em 17/06/2019

